

POLÉMICA EM TORNO DE *RUMOR BRANCO* DE ALMEIDA FARIA:

TRAÇOS CONFIGURADORES DO TEXTO DE ABERTURA

1. Como se sabe, em 1963, Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, dois homens de letras a quem, a par das qualidades literárias, se reconhece também a índole polemista, envolveram-se numa célebre contenda sobre o neo-realismo a partir de *Rumor Branco*, o primeiro romance de Almeida Faria.

Debruçar-me-ei, neste estudo, sobre o texto de abertura da conhecida polémica. Antes, porém, impõe-se que me ocupe dos elementos cotextuais e contextuais fortemente operantes na configuração dialógica e argumentativa da troca verbal em referência.

2. Num dos textos da *Conta-Corrente*¹, com data de 1994, Vergílio Ferreira recorda a polémica em torno de *Rumor Branco*, de Almeida Faria, do seguinte modo: «Começou o Pinheiro Torres. Dei-lhe eu o troco. Retrocou ele. Mandei-lhe a bola outra vez. E nessa altura a comunada entrou ao barulho.» Parto desta evocação para mais especificamente dar conta das intervenções constitutivas da troca verbal em causa, num primeiro momento, e da estrutura sequencial dos movimentos e contra-movimentos, num segundo momento.

2.1. Na verdade, ao contrário de outras, não se distingue esta polémica² por uma quantidade abundante de escritos — sendo cada um dos

¹ FERREIRA 1994: 22-23.

² Os textos da polémica em referência encontram-se reunidos em anexo a *Rumor Branco*, de Almeida Faria, na 4.ª edição da Caminho. Todas as indicações remeterão para esse local.

contendores responsável por duas intervenções directas, após a publicação do primeiro texto de Alexandre Pinheiro Torres — nem por uma duração temporal prolongada, se se circunscrever a discussão à troca de escritos entre o romancista e o crítico ao período que decorre entre 30 de Janeiro e 27 de Fevereiro de 1963³.

Alexandre Pinheiro Torres publicou, no *Jornal de Letras e Artes* de 30 de Janeiro de 1963, à luz da concepção neo-realista de crítica literária⁴, um artigo sobre *Rumor Branco* de Almeida Faria⁵. Embora elogie o talento do jovem escritor, critica a sua obra pela opção estética assumida, alargando essa apreciação negativa às obras de cariz “existencialista”, com referência explícita a *Aparição* (1959) e *Estrela Polar* (1962), de Vergílio Ferreira que surge indirectamente indigitado como alvo, como se vê pelo parágrafo de abertura daquele texto: «O existencialismo nas letras portuguesas, sob a alta tutela de Vergílio Ferreira, está presentemente a viver um grande momento de euforia. Os romancistas metafísicos florescem com exuberância equatorial num terreno tão propício do mundo luso contemporâneo. Vergílio Ferreira parece ter fascinado, em definitivo, as camadas mais jovens (...)»⁶

No *Jornal de Letras e Artes* de 6 de Fevereiro surge a resposta de Vergílio Ferreira que contra-ataca a visão neo-realista da literatura defendida naquele artigo. A resposta de Vergílio Ferreira orienta-se no sentido da desqualificação do interlocutor e da sua palavra, ao serviço do que se agrega uma série de procedimentos linguísticos e argumentativos. O alvo da *crítica/censura* que configura o texto são as razões neo-realistas da apreciação negativa não só de *Rumor Branco* mas sobretudo de *Aparição* e *Estrela Polar*, além dos procedimentos usados pelo adversário para a sua desvalorização.

³ Vários intelectuais intervieram na polémica sobre o neo-realismo que se iniciou com Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres. A discussão pública em causa atingiu uma considerável amplitude no meio intelectual, suscitando discussões paralelas nos diários, jornais e revistas literárias da época, contrapondo perspectivas várias acerca dos temas nela debatidos. Os textos constitutivos da ramificação da polémica surgem mencionados em RODRIGUES 1998: 35.

⁴ Ver 3.2.

⁵ Na consideração dos elementos cotextuais associados à polémica em referência, seria grave a omissão do texto escrito por Vergílio Ferreira para prefácio da 1.ª edição de *Rumor Branco*. Ver, a propósito, o ponto 9 deste estudo.

⁶ FARIA, Almeida 1992: 119.

A 13 de Fevereiro aparece, no mesmo jornal, a reacção de Alexandre Pinheiro Torres numa contra-resposta às posições assumidas pelo alocutário, recorrendo à mesma estratégia argumentativa: para refutar as acusações de que é alvo, ataca o interlocutor e desqualifica o seu discurso. Os meios argumentativos e linguísticos utilizados por cada um dos intervenientes, que se assemelham em ambos os textos, visam um mesmo fim — anular a palavra do outro —, o que confere a estas duas intervenções uma configuração discursiva simétrica, de marcado carácter agónico⁷.

A polémica dirige-se para o fecho com uma segunda intervenção de Vergílio Ferreira, a 20 de Fevereiro, com resposta final de Alexandre Pinheiro Torres, no mesmo jornal, com data de 27 de Fevereiro. Estas intervenções facilmente se deixam agrupar num segundo módulo da polémica dada a redefinição/reenquadramento das questões em discussão a que procedem os intervenientes. Os textos evidenciam uma tonalidade agónica menos acentuada: a dimensão de “guerra pessoal” cede mais algum espaço à discussão de ideias/questões que os dividem, clarificando cada uma das posições assumidas nas intervenções precedentes.

2.2. A organização global dos movimentos e contra-movimentos constitutivos desta troca verbal poder-se-á visualizar através do esquema que a seguir se apresenta:

| | |
|---|---|
| TEXTO 0: <i>Rumor Branco</i> de Almeida Faria, por Alexandre Pinheiro Torres | |
| MÓDULO 1 | TEXTO 1: <i>A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres</i> , por Vergílio Ferreira |
| | TEXTO 2: <i>Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio Ferreira na Tenda de Abracadabra</i> , por Alexandre Pinheiro Torres |
| MÓDULO 2 | TEXTO 3: <i>Palavras Finais. Tréplica de Vergílio Ferreira</i> , por Vergílio Ferreira |
| | TEXTO 4: <i>Também as palavras finais (mas não epitáfio)</i> , por Alexandre Pinheiro Torres |

ESQUEMA 1

⁷ Apesar de haver autores que usam o termo agónico para designar qualquer interacção verbal marcada pela presença de desacordo ou de oposição entre dois ou mais interlocutores (Roulet 1989, por exemplo), reservarei, com Fonseca (1992: 367), esta designação para o discurso que evidencia traços de conflitualidade acentuada, dotado de uma indistigável combatividade de que deriva a natureza conflitual.

Além de ilustrar a estrutura tripartida em que se organizam as intervenções, a tabela marca a diferença de estatuto e de natureza que as distingue, possibilitando a seguinte leitura:

- a) O TEXTO 0 é o texto de abertura da polémica. Esta condição, importa assinalar, é-lhe retroactivamente atribuída pelo TEXTO 1, sendo certo que uma contenda começa quando, à argumentação de alguém, um outro alguém se opõe. Embora Alexandre Pinheiro Torres, no decurso da troca verbal em destaque, negue qualquer intenção conflitual e/ou provocatória, é incontestável a configuração polémica desta primeira intervenção.
- b) O TEXTO 1 define-se por um carácter duplamente funcional: marca-o, enquanto resposta, um valor assertivo de modalidade negativa (refutação/contestação) face ao enunciado anterior, ao mesmo tempo que relança algumas questões que se tornarão objecto de contestação por parte do interlocutor na intervenção seguinte. O TEXTO 2 é a resposta ao TEXTO 1, através da qual Alexandre Pinheiro Torres questiona as objecções do seu interlocutor, pela devolução dos argumentos usados. Esta estratégia argumentativa, que concorre para uma construção simétrica das intervenções, reenvia a discussão para o ponto de partida, dificultando a progressão do diálogo no sentido de uma possível resolução do diferendo. Os dois textos (1 e 2) agregam-se, assim, num módulo que põe em causa uma enunciação anterior (TEXTO 0), mas que será, por sua vez, posto em causa (módulo 2).
- c) Com o TEXTO 3, embora se vislumbre, desde logo, uma tentativa de fechamento da interacção, relança-se a discussão, a que responde o TEXTO 4. Aliás, ambos incluem, nos títulos, os índices de fechamento — «Palavras finais» (TEXTO 3), «Também as palavras finais» (TEXTO 4) — deste episódio comunicativo, dando por completamente terminada a contenda entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres.

De acordo com o que fica dito, cada uma das intervenções assinaladas como TEXTO 1, TEXTO 2, TEXTO 3 e TEXTO 4 retoma implícita e expli-

citamente a intervenção anterior contra a qual investe. A sua natureza reactiva é objectivamente marcada por índices centrais como o título e o parágrafo de abertura que contêm os marcos referenciais da intervenção contra a qual reagem.

3. Tendo em conta que as coordenadas de comunicação estão fortemente inscritas no texto através de núcleos de sentido em que se funda a sua configuração global, dominando a produção discursiva, é importante definir, em primeiro lugar, a figuração da situação de comunicação em que o texto se insere e a que se agregam determinadas expectativas, e só depois se proceder à sua análise. Assim, considerar-se-á, desde logo, o enquadramento situacional da polémica, fortemente determinante do rumo discursivo e argumentativo das intervenções, destacando três dimensões: o condicionalismo da época, a posição social e ideológica dos interlocutores, a situação de interacção particular em que ocorre a polémica.

3.1. Como ficou já referido, Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres foram os protagonistas de uma polémica que, a pretexto de *Rumor Branco*, o primeiro romance de Almeida Faria, suscitou discussões públicas em torno de questões alegadamente estéticas em que, em termos genéricos, participou todo o meio cultural português. A literatura e a política são, no contexto de produção desta polémica, duas áreas potencialmente geradoras de conflito, com fronteiras, muitas vezes, indefinidas, como certamente não se ignora.

Quanto à primeira, pode-se dizer resumidamente que a querela provocada pela discussão sobre *Rumor Branco*, de Almeida Faria, se desenrola num quadro de divergência/dissentimento que afecta o meio literário português dividido entre o neo-realismo, considerado “literatura dominante”, e uma literatura que alia uma temática existencialista a uma estrutura formal/romanesca própria do *nouveau roman*. Da década de sessenta importa aqui evidenciar o entrecruzado de tendências, opções e procedimentos estéticos que, aliado ao condicionalismo histórico e político vigente, a tornam um espaço de tensão e de conflitos, pleno de virtualidades polémicas, como atesta Eduardo Lourenço, na sessão testemunhal do Encontro Neo-Realismo/Neo-Realismos:

«Havia um conflito no interior da nossa sociedade. Só do ponto de vista sociológico, se pode dizer que o neo-realismo é efectivamente a litera-

tura dominante. (...) Para mim, o neo-realismo (...) está entre as diversas expressões culturais e ficcionais de uma dada época, reage em função delas, é afectado e afecta os outros.»⁸

Eduardo Lourenço refere-se à confluência de autores que, num mesmo momento histórico, não partilham opções estéticas, ideológicas ou éticas, criando áreas de tensão e conflito.

No que à segunda dessas áreas diz respeito, recordem-se as motivações políticas subjacentes às opções estéticas dependentes do quadro histórico e social da época. É o próprio Alexandre Pinheiro Torres que, anos mais tarde, reconhece, embora fossem aduzidos critérios literários, o seu texto sobre *Rumor Branco* como uma avaliação crítica fundamentalmente política, actuando poderosamente na configuração discursiva e constituindo, como se procurará demonstrar, o móbil da contenda subsequente. Isso mesmo se pode ler num texto saído no *Jornal de Letras*, em 1992:

«Que era aquela coisa do meu horror à Metafísica? Burrices à Alberto Caeiro, o Filósofo Saloio? Nunca tive, que me lembre, tal horror.

(...) O meu horror, e isso não pode transparecer de caras, nos referidos linguados, era a Ditadura do Beato Salazar (...), a Guerra Colonial, o meu desprazer pelas visitas da PIDE à minha casa de S. Sebastião da Pedreira, o meu desgosto pela interrupção da minha gloriosa (?) carreira no ensino secundário, a minha aversão ao Aljube, o meu terror ao Forte de Caxias, o meu nojo pelos gorilas a carregar nos estudantes, etc.

Como explicar que um jovem autor, um Almeida Faria, dezanove aninhos, todo Dá-Deus-Nozes-A-Quem-Não-Tem-Dentes, fugisse no **Rumor** a prestar prova do seu Socialismo? Que mais provas havia ele de prestar, ele e os seus colegas universitários? **Rumor** e logo **Branco**? Por que não **Vermelho**?»⁹

Tratou-se, portanto, de uma questão política, de solidariedade na luta contra a opressão, embora se invocassem razões de ordem literária para a

⁸ Trata-se do *Encontro Neo-realismo/Neo-realismos* que se realizou entre 8 e 10 de Fevereiro de 1996, em Matosinhos. As intervenções proferidas foram publicadas pela revista *Vértice*, n.º 75, II Série, Dezembro de 1996.

⁹ TORRES, Alexandre Pinheiro — «A minha polémica com Vergílio Ferreira», *Jornal de Letras*, 30/6/1992.

fundamentação do macroacto de censura/crítica que enforma o texto. Como refere Ducrot

«(...) on a bien fréquemment besoin, à la fois de dire certaines choses, et de pouvoir faire comme si on ne les avait pas dites, de les dire, mais de façon telle qu'on puisse en refuser la responsabilité.»¹⁰

É neste jogo entre o dito e o não-dito que Alexandre Pinheiro Torres, imune a qualquer acusação, rompe com certas condições sociais impeditivas de discutir certas questões¹¹.

3.2. De Alexandre Pinheiro Torres importa sobretudo considerar que, como certificam A. J. Saraiva e Óscar Lopes, «foi durante os anos de 60 (...) o mais influente crítico de posição neo-realista.»¹² Ele próprio, de resto, expressa a concepção de crítica por que regia a sua actividade de crítico literário:

«Acredito profundamente que a crítica neo-realista é a que dispõe, na verdade, de mais alta capacidade potencial de desvendar, através da obra literária, e para surpresa do próprio homem, as alienações a que ele tem vivido e continua a viver submetido. É a que mais se me mostra capaz de revelar as mistificações de que as classes dominantes se têm valido, em diferentes épocas da história, para arrebanhar e escravizar o homem. Continuará ela a ter detractores?»¹³

Pela afirmação transcrita é evidente o posicionamento sociocultural do escritor que se manifesta numa concepção de literatura atenta à realidade, ou seja, aos problemas sócio — económicos do país.

De Vergílio Ferreira nada mais farei do que lembrar o afastamento do neo-realismo, em que se inscreveram os seus primeiros romances, para fixar depois a sua obra numa problemática de cariz existencialista. De

¹⁰ DUCROT 1972: 5.

¹¹ Perelman relaciona a existência ou inexistência de condições prévias ao exercício da argumentação com a questão em debate, já que nem todas as questões são passíveis de discussão; aliás «Certas prescrições, certas situações, certas reputações são indiscutíveis num determinado contexto, e o simples facto de as pôr em discussão é condenável moralmente, legalmente ou politicamente.», PERELMAN (Einaudi).

¹² SARAIVA, A. J.; LOPES, O. (s.d.): 1116.

¹³ *Jornal de Letras e Artes*, 9/1/63.

resto, ele próprio traça o seu percurso literário, numa entrevista coligida em *Um escritor apresenta-se*¹⁴, apontando duas fases bem demarcáveis:

«Eu fui neo-realista, embora, como V. acaba de ler, haja alguém que afirme que eu não o entendi. (...) Simplesmente, hoje a minha posição é diferente, não porque tenha renegado a posição assumida naquela altura. (...) Se o meu ponto de partida era a defesa do humanismo, eu entendo hoje que o humanismo não se pode cifrar apenas a uma problemática socioeconómica, mas que tem que se estender a outros aspectos (...)»¹⁵

Esta opção por um humanismo menos restrito do que o proposto pelo neo-realismo, no dizer do escritor, compreende, como é consabido, temas mais vastos como «a problemática da Morte, a existência de Deus, ausência de Valores, tudo (que) parte justamente da reflexão dessa problemática do Eu.»¹⁶

3.3. Quanto ao quadro interlocutivo, fácil é verificar que esta, como qualquer polémica escrita, se enquadra num dispositivo interaccional em que se distinguem três actantes: dois interlocutores, pelo menos, que, num mesmo campo de discussão, ocupam posições antagónicas, e o público. Esta constituição do quadro interactivo que conta com a integração do público na situação argumentativa evidencia a sua estrutura triangular, frequentemente caracterizadora das discussões públicas (debate de ideias, debate político, debate literário, etc) que são «marqués par l'opposition des intérêts, la contradiction des conclusions argumentatives, et la remise à un tiers de la réponse», como explica Plantin.¹⁷

Nestes discursos, realizados em contexto de debate ou discussão, o público revela-se um elemento crucial na dinâmica interaccional, na medida em que é em função deste terceiro interveniente, de quem se pretende a adesão relativamente ao ponto de vista em defesa, que se negociam as relações interpessoais — de aproximação ou distanciamento —, por meio de um forte investimento retórico. Na verdade, este vector, em torno do qual se organiza a dinâmica (organização e funcionamento) deste

¹⁴ FERREIRA, Vergílio (1981), *Um escritor apresenta-se*, (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

¹⁵ FERREIRA 1981: 286-7.

¹⁶ FERREIRA 1981: 149.

¹⁷ PLANTIN 1991: 64.

tipo de interação, é fortemente determinado pelos julgamentos valorativos do público, em função dos quais se articulam os movimentos de salvaguarda e de reposição da imagem pública de cada um dos contendores.¹⁸

A consideração deste terceiro elemento no dispositivo interaccional, investido do papel de juiz na contenda em curso, condiciona fortemente a estratégia discursiva dos interlocutores, atribuindo à dinâmica dialógica e argumentativa das intervenções uma configuração particular que interessaria explorar.¹⁹

4. O TEXTO 0 foi, sabemos-lo já, o acontecimento que desencadeou a troca verbal polêmica entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres. Para a consideração da polemicidade, convém não esquecer, desde logo, o formato discursivo em que se vaza este texto. Trata-se de um texto de crítica literária, publicado num jornal especializado, *Jornal de Letras e Artes*. Este apontamento serve para recordar que certa *crítica literária*, na base da qual estarão opinar/discordar/apoiar, pode ser geradora de controvérsia qualquer que seja o seu formato comunicativo, de *elogio* ou de *censura/crítica*.

Não serve isso certamente para afirmar que todo o texto persuasivo contém índices de polemicidade favoráveis ao desencadeamento de uma troca verbal agónica; é, no entanto, um factor que não desmerece importância.

A crítica literária de que *Rumor Branco* de Almeida Faria é objecto, sendo de índole persuasiva, inscreve-se num quadro situacional de que faz parte, como dimensão constitutiva, a produção de discurso polémico. Trata-se de um texto que assume um formato discursivo coincidente com um macroacto de crítica/censura face à opção estética assumida pelo autor do romance em apreço, apresentando aspectos negativos da ficção existencialista²⁰ e contrapondo, em alternativa, a estética neo-realista, claramente comprometida com o real, a que se agregam aspectos positivos. A funda-

¹⁸ Poder-se-á encontrar a análise das funções assumidas pelo público na polémica em causa em RODRIGUES 1998: 43-46.

¹⁹ Deixo para estudos posteriores esse trabalho para, neste momento, me ocupar apenas do texto de abertura da polémica, como ficou anunciado. Ver, entretanto, o que sobre essa matéria se diz em RODRIGUES 1998.

²⁰ Utilizo os termos existencialismo/obra existencialista para simplificar, embora não seja consensual a validade e o rigor da sua aplicação à produção literária.

mentação que assiste a esse acto ilocutório envolve o confronto com posições literárias e ideológicas de Vergílio Ferreira, alvo explícito das avaliações axiológicas feitas²¹.

5. Passarei, de seguida, à análise do TEXTO 0. Começo por destringir os eixos semânticos que aí operam não só a nível das macroestruturas intermédias, que aparecerão esquematicamente representadas, mas também a nível das microestruturas. Servirão ainda de organizadores da análise proposta nos números seguintes. Assim:

- | | | | | |
|---|--|---------|---|---|
| 1 | | I-II | → | a influência de Vergílio Ferreira na emergência do existencialismo |
| 2 | | III-IV | → | <i>desqualificação da opção estética de Almeida Faria</i> |
| | | V-X | → | <i>desqualificação dos aspectos formais / experimentação</i> |
| 3 | | XI-XIII | → | <p><i>“mudar de loja”:</i></p> <p><i>.salvaguarda de alguma qualidade de Rumor Branco</i></p> <p>.esvaziamento da influência de Vergílio Ferreira</p> <p><i>.incitamento a “mudar de loja” / de opção estética</i></p> <p>(confluência dos anteriores núcleos de sentido no último parágrafo do texto)</p> |

ESQUEMA 2

No esquema apresentado figuram as sequências, representadas pela numeração árabe, em que se organiza o texto abrangendo os respectivos parágrafos indicados pela numeração romana. A divisão proposta está sustentada pelas duas linhas argumentativas que se entrelaçam no desenvolvimento discursivo do texto em estudo: uma, registada a negrito, visa sobretudo Vergílio Ferreira (1)²², a quem se destina explicitamente o acto de censura/crítica pela responsabilidade que o locutor lhe atribui a propósito do aumento de «romancistas metafísicos»; outra, escrita em itálico, que toma por alvo, em termos imediatos, *Rumor Branco* de Almeida Faria (2) e, mediatamente, os jovens romancistas que revelam preferências pelas

²¹ Ver 9.

²² Sobre o esquema interlocutivo do texto ver o ponto 9.

temáticas da ficção existencialista. Em (3) convergem os vectores anunciados, evidenciando-se o elo causal que articula os momentos estruturais precedentes.

6. Ocupar-me-ei, neste ponto, da primeira sequência textual (1) constituída pelos segmentos I e II, onde aparece a representação de um estado de coisas tido como nocivo, a emergência do existencialismo e a influência que, segundo o locutor, Vergílio Ferreira exerceu nesse sentido. Ver-se-á no fim da análise os efeitos ilocutórios desta primeira sequência.

6.1. Um dos núcleos de sentido desta primeira sequência, que se toma agora para análise, é a emergência do existencialismo numa época que Alexandre Pinheiro Torres (que nos números seguintes referenciarei por locutor — LOC) esperaria ter por neo-realista.

6.1.1. Nos dois primeiros parágrafos, o LOC recorta um estado de coisas visto como um processo ainda em curso, localizado no espaço/ /tempo em que se encontra, o correspondente ao Aqui-Agora da enunciação. Essa referência deíctica, explicitamente marcada, surge nos enunciados onde a visão do LOC face à difusão/propagação do existencialismo é vazada.

6.1.1.1. Tomemos para análise o parágrafo inicial que, no comentário que se segue, permitirá dois tipos de considerações:

I¹ O existencialismo nas letras portuguesas, sob a alta tutela de Vergílio Ferreira, está presentemente a viver um grande momento de euforia (sublinhado meu).²³

A) A asserção, como a afirmação de um estado de coisas que denota uma “realidade”, reveste-se de um formato constativo que aspira a garantir uma *evidência*. Essa *pretensão à verdade* radica no reforço da *intensidade*

²³ FARIA, Almeida 1992: 119. Precedem as citações algumas notações numéricas, tal como se encontram na transcrição que se faz do texto em análise em RODRIGUES 1998: a numeração romana diz respeito ao parágrafo em consideração e a árabe ao enunciado. Mantém-se aqui esse procedimento por ser funcional em termos de análise. As referências, no entanto, remetem para a obra de Almeida Faria já citada (ver nota de rodapé 2).

assertiva do *dito* (enunciado) conseguido pelo formato constativo em que é vazado. O LOC, apoiado no estatuto credibilizado e reconhecido pelo público leitor do locutor enquanto crítico e homem de letras, certifica determinado fenómeno como “verdadeiro”/“real”, através de um enunciado cuja força assertiva é de tal maneira marcada que se torna incontestável, cancelando uma eventual divergência de opinião.

Observe-se, contudo, que o LOC não deixa de utilizar argumentos que permitem suportar essa asserção, auferindo, dessa forma, o estatuto de conclusão provável, abrindo-se espaço a argumentos contrários ao serviço de uma orientação argumentativa oposta.

Resulta deste procedimento retórico — recurso ao discurso da evidência — um certo efeito de intimidação, já que o interlocutor que entenda contestar os dados apresentados como evidentes tem a complexa tarefa de provar a validade da sua recusa, já que, como esclarece Plantin, «D'une façon générale, la charge de la preuve revient à celui qui conteste l'opinion majoritaire, la *doxa* de sa société ou de son groupe.»²⁴

De qualquer modo, observa-se essa dimensão argumentativa que inclui o texto no domínio do *opinável*, da *pretensão à verdade*²⁵ já neste primeiro enunciado, se se atender às marcas da subjectividade que preenchem alguns espaços de significação. É justamente este o objecto das reflexões contidas em B).

B) Se é verdade que à construção “perifrástica” ESTAR A V_{INF} se agrega um valor aspectual cursivo²⁶, não podemos esquecer, por outro lado, que o semantismo de “estar” alberga uma outra dimensão: a de atribuir propriedades temporárias ou transitórias ao objecto em referência, pressupondo uma fronteira inicial e uma fronteira final no intervalo de tempo considerado. Por seu turno, o lexema «euforia» aponta, com reforço, também para a transitoriedade de um estado que se qualifica como desvio à normalidade, negativamente conotado, que se desenvolve num espaço de tempo delimitado, à volta do qual se criam expectativas de curta duração.

²⁴ PLANTIN 1996: 74.

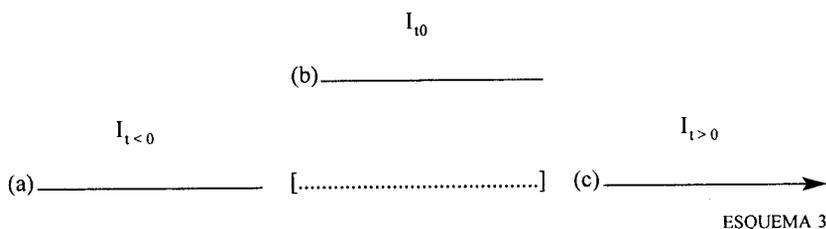
²⁵ Ver mais adiante o ESQUEMA 3.

²⁶ O enunciado construído por ESTAR A V_{INF} capta «um estado de coisas (p), localizado num dado I_p, (...) apresentado como estando em curso em I_p»; ver MATEUS, M.^a Helena Mira *et al.*, 1989: 97.

Ora, esse intervalo de tempo identifica-se com o I_{t_0} , o presente vivido no momento da enunciação, dado pelo tempo verbal e reforçado pelo advérbio «presentemente». A sua presença intensifica, de facto, o momento de vivência do fenómeno enunciado, marcado por uma certa negatividade aliada à *contra-expectativa* manifestada pelo locutor.

Desprende-se da constatação aparentemente *evidente* a visão negativa do existencialismo ao serviço de uma orientação argumentativa desvalorizante, que parte da responsabilização de Vergílio Ferreira pela alteração de um momento desejável (a) para um momento não desejável (b), coincidente com I_{t_0} , e que, por força do desenvolvimento discursivo que assinala a posição do LOC, se espera seja abandonado, retomando em (c) a “normalidade”.

Esboçam-se, assim, três períodos temporais. Embora (a) esteja conceptualmente ligado aos outros dois eixos temporais, não tem repercussão no andamento discursivo, ao contrário do que acontece com I_{t_0} e $I_{t > 0}$.



ESQUEMA 3

6.1.1.2. Interessa ainda verificar de que modo I^2 concorre para a manifestação da intenção comunicativa acima anotada.

I^2 Os romancistas metafísicos florescem com exuberância equatorial num terreno tão propício do mundo luso contemporâneo. (sblinhado meu)²⁷

I^2 não junta nenhuma ideia nova ao enunciado anterior, aparecendo como uma expansão de I^1 . Essa redundância concorre, porém, para o reforço do quadro previamente construído em que se inscreve o discurso anterior. Retomam-se, para tanto, os dois vectores dominantes.

²⁷ FARIA, Almeida 1992: 119.

A) À propagação do existencialismo acresce um outro traço significativo que se desprende da metáfora biológica/natural utilizada: o modo “selvagem”/não controlável como surgem os «romancistas metafísicos». Decorre esta leitura do semantismo de “floreecer” de que importa reter somente os traços /+ quantidade/, indicador de “aumento em número”, “propagação”, e /+ excesso/, reforçado pelo segmento «com exuberância equatorial». Na verdade, este último traço semântico deve ser entendido como negativo por significar “ausência de moderação”, propriedade que, por evitar o excesso, é tida, na opinião geral, como condição de qualidade. Aliás, o *topos* subjacente /+,-/ ou o seu inverso /-,+/ está consolidado em provérbios como “Mais vale pouco e bem que muito e mal” ou, mais apropriadamente, “Tudo o que é demais é moléstia”. Reactualiza-se, portanto, a expressão caracterizadora do estado de coisas construído no primeiro enunciado, condensado no segmento «um grande momento de euforia», através do traço /- moderado/ ou /- razoável/.

B) Por sua vez, o segmento «num terreno tão propício do mundo luso contemporâneo» repercute a presença de uma *contra-expectativa* do LOC face ao conteúdo do enunciado. Por essa *contra-expectativa* que se subentende do sentido literal do enunciado perpassa já uma avaliação axiológica negativa.

6.1.1.3. Pertencem ainda a este quadro os enunciados a seguir transcritos:

- II¹ Mas a Penalva de Vergílio Ferreira parece ser, agora, o Portugal de uma quantidade alarmante de candidatos a romancistas.
- II² Aprendiz de novela que se preze começa logo num falazar de raiz ontológica que faz abrir a boca.²⁸

Embora fique incompleta a sua explicação (regressarei a eles mais adiante), convém para já focalizar apenas o segmento «o Portugal de uma quantidade alarmante de candidatos a romancistas» referente ao *Aqui* enunciativo pela reincidência nos aspectos que vêm sendo anotados: por um lado, o traço /+ excesso/, no que respeita à quantidade de romancistas, e

²⁸ FARIA, Almeida 1992: 120.

/– razoável/ ou /– equilibrado/, no que diz respeito à qualidade, bem patente na forma como o LOC evita a atribuição da designação de romancistas preferindo a sua substituição por expressões como «candidatos a romancistas» ou «aprendiz de novela».

As expressões referidas estão axiologicamente marcadas no sentido de uma desvalorização do objecto a que se referem. No presente caso, o processo de desqualificação recai sobre uma geração mais nova de romancistas, usando o LOC como argumento desfavorável a *juventude*. Das derivações sémicas pejorativas que este lexema permite, o locutor retém basicamente duas: a *dependência* e a *imaturidade*.

«Aprendiz de novela» convoca, pela doxa accionada, duas figuras: a do discípulo-aprendiz e a do mestre-modelo a imitar num processo de crescimento-aprendizagem. A ideia de dependência serve aqui uma orientação discursiva negativa que desqualifica um grupo de romancistas que evidencia a mesma preferência pela ficção existencialista.

Essa avaliação axiológica negativa que tem por objecto a ficção existencialista está marcadamente presente no segmento «começa logo num falar de raiz ontológica que faz abrir a boca». Aqui o processo de desqualificação usa como argumento a imaturidade ligada à juventude que, não se preocupando com os problemas sociais da “realidade”, acaba, na óptica do LOC, por se refugiar em elucubrações metafísicas.

A emergência do existencialismo nas letras portuguesas identifica-se, para Alexandre Pinheiro Torres, com a indiferença/alheamento em relação aos problemas de que o país, em contexto sócio-histórico particular, se ressentia. Neste sentido, a influência que o modelo existencialista decorrente das obras de Vergílio Ferreira exerce é percebido como perigoso. ¹⁻² introduz, desta forma, o quadro dentro do qual se desenvolverá o discurso, em cuja configuração participa a atitude judiciosa ou avaliativa do LOC face ao que está a ser assertado, através da selecção lexical. O denominador comum a expressões como «euforia», “florescer”, «exuberância equatorial» será o traço /+ excesso/ tido como conotativamente negativo na avaliação de qualquer acontecimento. Na *doxa*, a razoabilidade assume uma forte mais-valia face a qualquer acontecimento, em detrimento do excesso.

6.1.2. O esquema que a seguir se apresenta capta, em síntese, a argumentação acima analisada:

| | |
|--|-----------|
| «presentemente» / «agora», «num terreno tão propício do mundo luso contemporâneo» | |
| <p>— «Os romancistas metafísicos florescem com <u>exuberância equatorial</u>»;</p> <p>— «(...) o Portugal de uma <u>quantidade alarmante</u> de candidatos a romancistas.»;</p> <p>— «Aprendiz de novela que se preze <u>começa logo num falazar de raiz ontológica que faz abrir a boca</u>».</p> <p style="text-align: center;">↑</p> <p>Sob a influência de Vergílio Ferreira</p> | ⇒ |
| ARGUMENTOS | CONCLUSÃO |

ESQUEMA 4

Ao rumo argumentativo traçado na figura apresentada, impõe-se acrescentar ainda o valor polémico decorrente da apresentação das ideias — concretamente da visão do LOC face à difusão/propagação do existencialismo nas letras portuguesas — como evidências/verdades, recorrendo para tal à pressuposição. Convém notar que a apresentação de certas ideias como evidentes não se pode confundir com a afirmação da sua evidência, o que estaria em ampla contradição com o desenvolvimento argumentativo do discurso, tendo em conta que «Prouver, c'est nier l'évidence»²⁹. Ducrot explica-nos de que forma se poderá relacionar a pressuposição com a evidência:

«(...) la présupposition d'un certain contenu lui confère une sorte de pseudo-évidence, dans la mesure où elle organise un discours où il ne pourra plus être mis en cause. Ce qui produit l'«évidence» du présumé, ce n'est donc pas une nécessité logique ou empirique, mais une nécessité interne au discours, une nécessité que le locuteur crée par sa parole même, en instaurant à partir d'elle un discours dont le présumé constitue la charte.»³⁰

É justamente neste quadro que se desenvolverá um outro eixo de sentido estruturador desta primeira sequência discursiva, que passo a desenvolver no ponto seguinte.

²⁹ ANGENOT 1982: 149.

³⁰ DUCROT 1972: 94.

6.2. Considero agora o segundo dos núcleos de sentido contidos na primeira sequência textual: a «tutela de Vergílio Ferreira», na expressão do locutor.

Para tal, recupero um segmento do enunciado I¹ que intencionalmente deixei esquecido, através do qual se estabelece um elo de causalidade entre a recepção dos romances *Aparição* e *Estrela Polar* e o aumento do número de «romancistas metafísicos», «sob a alta tutela de Vergílio Ferreira».

6.2.1. Para o LOC, trata-se de uma explicação acerca do fenómeno que terá estado na origem da propagação/expansão do existencialismo, ou seja, trata-se de encontrar a causa de que depende esse estado de coisas: *A é a causa de B* ou, tendo em conta uma causatividades não interventiva (*A não age intencionalmente para que B ocorra*), *B é o resultado de A*.³¹

Convém, por um lado, notar o posicionamento assimétrico dos dois actantes (A e B) unidos por uma relação hierárquica (superior/inferior), como a que é instituída entre mestre e discípulo, por exemplo. Por outro lado, é importante frisar que se trata de uma relação bidireccional, de natureza diferente, a que se estabelece entre os dois pólos. Assim:

- A protege B, logo B fica sob a protecção de A;
- A influencia B, logo B fica sob a influência de A;
- A fascina B, logo B fica sob o fascínio de A.

Ou seja, *B está causalmente dependente de A*, quaisquer que sejam os elementos aí vazados:

| B | A |
|--|---|
| <i>O existencialismo está a viver um grande momento de euforia</i> | <i>sob a alta tutela de Vergílio Ferreira.</i> |
| <i>Os romancistas metafísicos florescem com exuberância equatorial</i> | <i>fascinados por Vergílio Ferreira (sob o fascínio por).</i> |

³¹ Note-se, contudo, que ao valor de causalidade está sempre associada a responsabilidade do agente que provocou determinado evento ou que não o impediu.

Mas não é apenas o efeito que a obra romanesca de Vergílio Ferreira suscita junto dos escritores mais jovens que merece do LOC um julgamento negativo; os romances que estão na origem desse fenómeno são também alvo de desqualificações.

6.2.2. Do segmento textual I³⁻⁶ atente-se na representação valorativa que, em termos muito semelhantes, é feita sobre dois dos romances de Vergílio Ferreira:

| | | | | |
|--------------------------|--|----------|---|--|
| <i>Aparição</i> | Alberto Soares, jovem professor de Évora | põe | todos os comparsas do laureado romance | em transe de cons- piração metafísica |
| <i>Estrela Polar</i> | O livreiro Adalberto inquietante comer- ciante de livros | contagia | as personagens desta última obra | que estão em transe de recepção-emissão metafísica permanente. |

O enfoque da crítica recai sobre as personagens ao enfatizar-se a dissemelhança entre o mundo real e a sua actuação no universo fictivo, fazendo-o parecer absurdo (ver I⁴ e I⁵).

Já pela representação desfocada dos romances em questão se pode depreender o distanciamento crítico do LOC face às obras de cariz existencialista; essa atitude é, porém, reforçada no enunciado que fecha esta unidade discursiva, como melhor se verá a seguir.

6.2.3. Vejamos esse enunciado:

I⁷ O Boileau e o seu «rien n'est beau que le vrai» estão, na verdade, ultrapassados.³²

O enunciado em causa só faz sentido se o entendermos no quadro discursivo que vem sendo construído, como a expressão de uma *contra-expectativa* por parte do LOC, nos termos que se seguem.

Sendo certa a emergência e a expansão do existencialismo nas letras portuguesas a partir da forte influência que *Aparição* e *Estrela Polar* exerceram sobre os romancistas mais novos, poder-se-ia ser levado a concluir

³² FARIA, Almeida 1992: 120.

pelo anacronismo do princípio literário de Boileau, “rien n’est beau que le vrai”, como se poderá depreender da leitura de I⁷.

No entanto, o conector pragmático que articula este segmento discursivo — I⁷ — aos anteriores — I³⁻⁶ — contém instruções que impedem a aceitabilidade dessa leitura.

A leitura de I⁷ é ditada pelo conector «na verdade» que, no contexto em que surge, assume um valor opositivo, marcando não apenas o distanciamento do LOC face ao conteúdo aí vazado, aliás atitude claramente notada pela representação dos romances de Vergílio Ferreira, mas também a rejeição de um raciocínio que poderia ser dedutível do estado de coisas assertado. Numa leitura polifônica, através do referido conector, o locutor indica a sua discordância face à informação fornecida, considerando-a absurda, na medida em que remete os referidos romancistas para um mundo distante do real, ideia condensada em «Reino dos Nefelibatas».

Além da manifestação do desacordo face ao conteúdo proposicional — «Boileau e o seu “rien n’est beau que le vrai” estão (...) ultrapassados» —, I⁷, pelo valor *correctivo* de «na verdade», oferece uma outra propriedade: a avaliação retrospectiva da informação contida no enunciado, tida como desadequada ou desajustada, transmite, por seu lado, o que deverá ser tido como apropriado dado o quadro político e social da época, facilmente traduzido na frase “rien n’est beau que le vrai” como princípio a observar na produção literária.

Ora, ao enunciado citado agrega-se naturalmente uma dimensão de censura/desaprovação que tem por objecto os romances de Vergílio Ferreira particularmente visados pela influência exercida sobre os romancistas mais jovens, sendo o seu autor responsabilizado pelo estado de coisas representado.

6.2.4. O elo de causalidade que é estabelecido entre Vergílio Ferreira (ou a publicação das suas obras) e a expansão do existencialismo nas letras portuguesas torna-se mais evidente através da comparação patente em II¹⁻² que alberga, a par da caracterização de um determinado estado de coisas, avaliações axiológicas negativas, fortemente polémicas.

Se Penalva que o LOC descreve é «o Portugal de uma quantidade alarmante de candidatos a romancistas», Vergílio Ferreira será o «inquietante comerciante de livros» que contagia/fascina os demais habitantes/romancistas através de «programas cerebrodifundidos»/obras literárias,

podendo assim continuar o confronto acima estabelecido entre os dois romances:

| | | | | |
|------------------------------------|--|-----------------------------|----------------------------------|--|
| Estrela Polar | O livreiro Adalberto inquietante comerciante de livros | <i>contagia</i> | as personagens desta última obra | que estão em transe de recepção-emissão metafísica permanente. |
| No mundo luso contemporâneo | Vergílio Ferreira | <i>parece ter fascinado</i> | as camadas mais jovens | com a problemática ontológica de... |

Abre-se com este enunciado um inegável espaço de tensão e conflitualidade não só pelas implicações dele decorrentes mas também pela atribuição de aspectos negativos à ficção existencialista, pelo menos no respeitante à temática focada e, conseqüentemente, ao universo fictivo criado. Os parâmetros segundo os quais se caracteriza negativamente a ficção existencialista constituem, por inferência, os aspectos positivos do neo-realismo, com o qual o LOC se identifica, como tentámos visualizar no ESQUEMA 5.

| Existencialismo | Neo-realismo |
|--|---|
| — universo fictivo afastado da realidade.../-/ | — universo fictivo atento à realidade...../+/ |
| — problemática individual...../-/ | — problemática sócio-económica...../+/ |

ESQUEMA 5

A presença desta caracterização instaura dois blocos antagónicos, assumindo-se o LOC como inequívoco representante de um deles e atribuindo a Vergílio Ferreira o papel de representante do outro. Definidas as posições de cada um, o LOC faz recair sobre o existencialismo avaliações axiológicas negativas, desenhando-se, em contrapartida, e por contraste, uma imagem positiva do neo-realismo.

6.3. Da análise desta primeira sequência textual é importante reter a forma como o LOC orienta o discurso no sentido da desvalorização do existencialismo de modo a dissuadir o autor do romance em apreço — *Rumor Branco* — das opções estéticas assumidas: a responsabilidade do estado de

coisas descrito é atribuída a Vergílio Ferreira que, através das suas obras, favoreceu, na opinião do LOC, a propagação/contágio da ficção existencialista. Ou seja, o LOC convoca Vergílio Ferreira como autoridade tida como negativa que rapidamente se transforma em alvo de desqualificações. Na definição que Perelman & Olbrechts-Tyteca apresentam do *argument de propagation* está já contida a intenção subjacente de apelar para a necessidade de defesa e protecção em relação a esse estado de coisas:

«Il s'agit de mettre en garde contre certains phénomènes qui, par l'intermédiaire de mécanismes naturels ou sociaux, auraient tendance à se transmettre de proche en proche, à se multiplier, et à devenir, par cette croissance même, nocifs.

Si le phénomène initial est, lui-même, considéré déjà comme un mal, on aura recours le plus souvent à la notion de contagion.

(...) Dans l'argument de contagion, il y a donc collusion entre deux points de vue dévaluants, ce que l'on redoute comme jalon est, en même temps, stigmatisé comme un mal.»³³

Pela análise da crítica literária sobre *Rumor Branco* ficam a descoberto as premissas na base das quais se constrói a argumentação de Alexandre Pinheiro Torres. A crítica faz depender a sua eficácia da aceitação de uma concepção de literatura preocupada com os problemas da sociedade e do escritor como cidadão empenhado na sua resolução ou, pelo menos, na sua denúncia. O autor associa, deste modo, num mesmo conceito as noções de literatura e política, por um lado, e de escritor e cidadão empenhado, por outro, opondo-se, no seu texto, ao exercício literário de determinado grupo de escritores que rompe com esta ligação.

Fica, portanto, estabelecido o enquadramento argumentativo, como condição de aceitabilidade daquilo que se quer fazer admitir ao público leitor, dentro do qual se desenvolverá a crítica ao primeiro romance de Almeida Faria.

Nesta construção, são assim facilmente destacáveis os índices de polemicidade:

- 1) a movimentação argumentativa descrita;
- 2) a visão *construída* pelo locutor da ficção existencialista, conseguida através: (i) da representação desfocada da ficção existencialista, con-

³³ PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA 1983 (1970): 385.

tendo uma avaliação virulenta da sua temática a partir de obras concretas e tornando-se o seu autor *alvo* das desqualificações operadas e (ii) da atribuição de aspectos negativos inerentes à expressão da contra-expectativa enunciada que contribui claramente para o desenho de dois blocos antagónicos agregando-se ao segundo aspectos positivos.

7. A segunda sequência textual (2) desdobra-se em dois eixos semânticos (cf. ESQUEMA 2) que concorrem para o mesmo fim argumentativo e, conseqüentemente, o mesmo objectivo ilocutório, através da apreciação crítica do romance *Rumor Branco*. Deles darei conta nos pontos seguintes.

7.1. Vejamos, em primeiro lugar, o eixo que se poderá denominar como a imitação do mestre/modelo.

No segmento determinado como (2), no ESQUEMA 2, o LOC analisa *Rumor Branco* de Almeida Faria nas suas dimensões temática e formal, servindo-se dessa crítica para ilustrar/comprovar, a partir do discípulo «mais dotado de todos», as posições anteriormente assumidas. Na verdade, no quarto parágrafo, aglomeram-se os argumentos que provam a dependência/imitação de Almeida Faria em relação a Vergílio Ferreira.

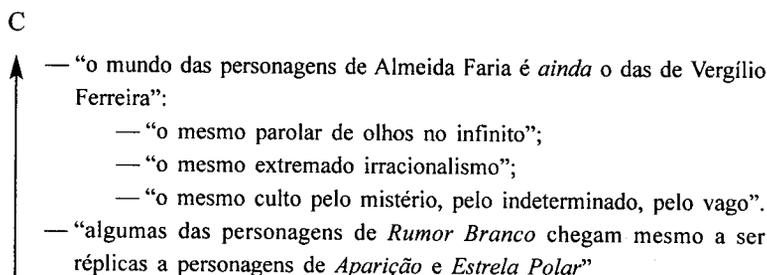
O enunciado introdutório não suscita dúvidas quanto ao valor probatório da asserção aí contida, devido à presença do conector argumentativo. «De facto» pertence ao grupo dos marcadores confirmativos, definidos como «marqueurs servant à approuver, à évaluer positivement une assertion préalable ainsi qu'à répondre affirmativement à une demande de confirmation», segundo Nina de Splenger³⁴.

A comprovação recai sobre a afirmação de dependência relativamente às obras de Vergílio Ferreira que foram alvo de desqualificações na sequência discursiva anterior, através de processos linguísticos como os que passo a referenciar.

A) O verbo gravitar convoca, pelo seu semantismo, duas figuras, A e B, que se interrelacionam da seguinte forma: B, em situação secundária, vive sob a dependência ou a protecção de A, que ocupa a posição principal. Admite-se, para este lexema, como extensão semântica: *-imitar*.

³⁴ SPLENGER 1980: 139.

B) Os exemplos através dos quais se evidencia essa imitação estão sob a égide do marcador «mesmo», que tem por função aduzir, numa escala argumentativa, a melhor prova possível para justificar/apoiar uma conclusão C (“Almeida Faria imita Vergílio Ferreira”). O reforço do campo de verificação está ainda assegurado por um outro argumento que estabelece uma total identidade entre os dois universos ficcionais, que se fundem num só, o mesmo de Vergílio Ferreira.



ESQUEMA 6

Este *argumento de identidade* favorece a transferência da crítica/censura feita às personagens de Vergílio Ferreira para as personagens de Almeida Faria, sendo mesmo de verificar alguma ambiguidade no que respeita ao alvo das desqualificações: *Rumor Branco* ou *Aparição e Estrela Polar*?

A legitimação desta argumentação é assegurada pelo LOC por meio do *discurso da evidência*, tornando a opinião pública ou a razão veiculadora de uma *doxa* responsável pela enunciação. Alegando a evidência da realidade/ estado de coisas representado discursivamente, o LOC protege a sua representação/construção de hipotéticas contestações ao mesmo tempo que assegura o valor argumentativo dos dados assim legitimados. É o que se pretende com a expressão «Vê-se, sem grande esforço que» que remata a citação de um comentário de uma personagem do romance em apreço:

IV³⁻⁴ Não é o que acontecerá, por exemplo, de forma explícita, com Pedro que, muito existencialisticamente preocupado com o problema da morte, declara: «... não sei se me compreendes se os outros me podem compreender se alguém poderá compreender alguém assim ao contrário de Alberto Soares que procura justi-

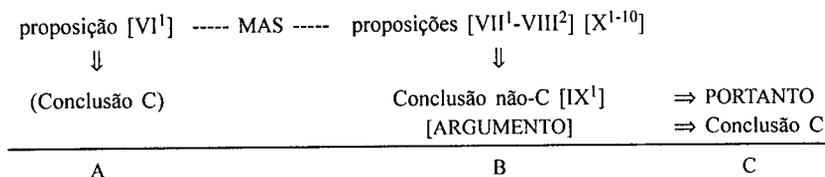
ficar a vida em face da verosimilhança da morte eu procuro antes justificar a morte em face da inverosimilhança da vida?»³⁵

7.2. Tomo agora para análise o segundo dos eixos semânticos apontados identificado com uma das expressões do locutor: «a oratória parlamentar».

Neste ponto estará em foco o macroacto ilocutório de crítica/censura resolvido através da desqualificação dos aspectos formais de *Rumor Branco* (a «nova retórica»), enformados no segmento textual constituído por V-X. Para tal utilizar-se-á um método de análise que explicita o esquema argumentativo activado nesta sequência.

7.2.1. Em V¹, o LOC expressa as inovações formais/estilísticas que sobressaem da escrita de Almeida Faria em *Rumor Branco*, referindo especificamente «as letras minúsculas depois dos pontos finais» e «a alteração da ordem natural das palavras», «atitudes à primeira vista revolucionárias». É sobre esta afirmação que o LOC encadeará a refutação que visa demonstrar a conclusão contrária àquela que se poderia inferir da presença dessas «atitudes revolucionárias» no acto de escrita literária. É o conector «todavia» que inverte a direcção argumentativa do enunciado que chega a uma conclusão contrária; o esquema argumentativo ficará completo apenas quando dessa argumentação o LOC retirar algumas conclusões valorativas, entenda-se críticas, do objecto em apreciação.

Procurarei ilustrar esta sequência, socorrendo-me do esquema argumentativo fornecido por Jean-Michel Adam³⁶:



ESQUEMA 7

Dada a complexidade dos movimentos argumentativos para que o esquema aponta, passo ao seu desdobramento nas alíneas que se seguem.

³⁵ FARIA, Almeida 1992: 120.

³⁶ ADAM 1992: 109.

A) Está patente no enunciado VI¹, a par da informação sobre o objecto em referência nesta sequência textual, uma avaliação axiológica que descreve uma orientação contrária à assumida por outros anteriormente, conquistando, por essa via, um carácter refutativo. Mas antes convoca-se a argumentação que será, de seguida, rejeitada e substituída por uma contra-argumentação.

A.1) Em primeiro lugar, o LOC aponta as inovações formais/estilísticas que sobressaem da escrita de Almeida Faria em *Rumor Branco*, referindo especificamente «as letras minúsculas depois dos pontos finais» e «a alteração da ordem natural das palavras», circunscrevendo assim o objecto da sua avaliação.

Se por argumentação se entender a relação que liga enunciados com valor de argumentos a conclusões explícita ou implicitamente deles derivadas, podemos vislumbrar nos elementos citados uma orientação argumentativa que leva a uma apreciação positiva. A direcção argumentativa decorre das expectativas agregadas ao semantismo de *originalidade* que envolve uma apreciação favorável do objecto a que se refere. A ser verdade que

«D'une façon générale, (...) utiliser des mots c'est convoquer des topoi.»³⁷,

existe a possibilidade de entender no sentido do lexema *originalidade* uma forma tópica que, numa escala positiva, garante o encadeamento argumentativo anotado; para o caso presente, podemos definir o esquema tópico da seguinte forma: /+ *originalidade*, + valor/.

A.2) No entanto, está já patente neste enunciado a discordância do LOC em relação a esta orientação argumentativa eventualmente assumida por outros, manifestada quer pelo semantismo de «floração» quer pelo ponto de interrogação posposto a *originalidade*, apontando para uma anti-orientação do rumo argumentativo delineado, claramente definida no segmento composto por VII¹-VIII².

B) Na verdade, sem contrariar a “lei de passagem” subjacente a uma legitimação da avaliação positiva contida no lexema *originalidade* (mais

³⁷ ANSCOMBRE 1995: 51.

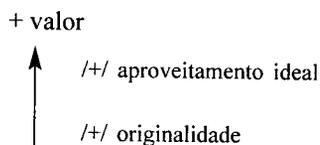
tarde em IX³ o LOC vai admitir a possibilidade dessa orientação), abre-se espaço a uma sequência refutativa que terá por objecto a justeza da consideração dos traços estilísticos e formais mais salientes em *Rumor Branco* como «inovações»/«originalidades»/«atitudes revolucionárias».

Abre-se, portanto, uma complexa dimensão argumentativa fundada num matizado jogo de argumentações, contra-argumentações, concessões e refutações. Este jogo organiza-se em torno de dois argumentos que, segundo o LOC, tornariam aceitável uma apreciação positiva de qualquer obra literária — a *originalidade* e o *aproveitamento ideal* das características estilísticas anotadas, mas que, no presente caso, descrevem um percurso argumentativo orientado para uma conclusão não-C — «não são originais nem têm o aproveitamento ideal» —, que concorrem para a apreciação negativa da obra (coluna C do ESQUEMA 7).

B.1) Atente-se agora no enunciado que abre esta sequência:

VII¹ Qualquer destas atitudes, à primeira vista revolucionárias, não tem, todavia, nem a revolução da originalidade (facto que, aliás, não tem uma importância por aí além), nem do aproveitamento ideal (o que parece, em princípio, ser bastante mais importante).³⁸

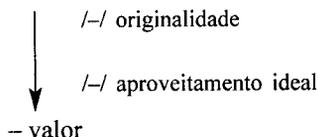
Se admitirmos, para o enunciado transcrito, a análise polifónica da negação, proposta por Ducrot, não será difícil destacar aí um primeiro enunciado positivo que implicitamente reitera a forma tópica acima anotada, agora numa escala onde se poderão hierarquizar os argumentos a que o LOC atribui uma graduação:



No entanto, o LOC demarca-se desta orientação procedendo a uma inversão argumentativa marcada linguisticamente pelo conector contra-argumentativo «todavia» que introduz a negação, na base da qual se con-

³⁸ FARIA, Almeida 1992: 121.

vocará a forma tópica conversa que levará à escala negativa “menos P” orientada no sentido de uma desvalorização do romance em avaliação:



A anti-orientação dos argumentos só pode servir a conclusão oposta à anteriormente prevista decorrente dos topoi /+ originalidade, + valor/, agora convertido em /- originalidade, - valor/ e /- aproveitamento ideal, - valor/, em ordem à desqualificação de *Rumor Branco*.

B.2) O processo de desqualificação utilizado para invalidar as condições de aceitabilidade dos traços formais/estilísticos anotados enquanto «atitude revolucionária» — a da originalidade e a do aproveitamento ideal — apresenta um desenho pouco linear.

B.2.1) Considere-se IX, em primeiro lugar, onde se procurará legitimar a avaliação axiológica com que o LOC introduz o enunciado.

IX¹ Almeida Faria sacrificará, pois, juvenilmente (aproveito o advérbio de Vergílio Ferreira) ao acto literário indisciplinado.³⁹

O enunciado abre com um momento de *concessão* face ao valor da indisciplina entendida em termos genéricos, princípio subjacente ao «progresso na arte», por exemplo (cf. IX⁷). A valorização ou desvalorização do acto literário está dependente das circunstâncias intervenientes na matização do conceito de indisciplina que o LOC se propõe desdobrar.

INDISCIPLINA NO ACTO LITERÁRIO

| - | + |
|--|--|
| — «pode ser a melhor maneira, ou uma maneira, de <u>fugir à difícilima arte do romance</u> »; — «o caminho da indisciplina pode coincidir com o da <u>facilidade</u> ». [imitação] | — «a indisciplina pode ser o reflexo de uma <u>mentalidade genial</u> »; — «trata-se de indisciplina <u>em primeira mão</u> »; — «as indisciplinas no <u>estado virgem</u> ». [originalidade] |

ESQUEMA 8

³⁹ FARIA, Almeida 1992: 122.

Sem negar/cancelar a possibilidade de ocorrência da «indisciplina no acto literário» como argumento legitimador de uma avaliação positiva de determinado romance, o LOC coloca restrições ao movimento argumentativo orientado para a valorização das inovações estilísticas de *Rumor Branco*, considerando-as como «submissão ao fácil». Liga-se a esta ideia da “facilidade” a da ausência de “aproveitamento ideal”, que resulta na consideração da “indisciplina pela indisciplina” ou das “experimentações” próprias da juventude no sentido de “falta de maturidade”.

Num primeiro momento, aduzem-se, assim, argumentos que visam provar a falta de *originalidade* que caracteriza o recurso a «palavras minúsculas depois dos pontos finais» e à «alteração da ordem natural das palavras na frase», apresentando-se autores e obras em que, antes de Almeida Faria, se observam as mesmas características, cancelando, deste modo, a sua qualificação enquanto *originais*, no sentido de “primeiras”, “primitivas”.

B.2.2) Ao aproveitamento ideal que o LOC não reconhece nas inovações estilísticas de *Rumor Branco*, é contraposto, com valor negativo, o convencionalismo que as caracteriza. As «transgressões» como «a mudança da ordem das palavras» resultam, na óptica do LOC, de um apego exagerado a uma convenção, não se vislumbrando uma particular intenção literária. Tal desqualificação é visível em X² (cf. «A transgressão sistemática como ela é processada em Almeida Faria, chegou ao nível de substituir uma convenção por outra.») e em X⁶ (cf. «tais *transgressões* não *funcionam*, não atingem o alvo, qualquer alvo, quando, por preconceito de sistematização, obrigam o Autor a cair de corpo inteiro no *mare nostrum* do mau gosto»).

C) A conclusão que, a partir destes dados, se poderá inferir diz respeito à avaliação axiológica, marcada negativamente, condensada na expressão «oratória parlamentar» que se poderá parafrasear do seguinte modo: *discurso vazio de ideias ineficaz no que respeita à resolução de problemas mas deslumbrante pelo aparato estilístico.*

8. Far-se-á referência, finalmente, ao eixo semântico designado, no ESQUEMA 2, como “mudar de loja” que alberga um movimento de salvaguarda do talento de Almeida Faria e de alguma qualidade de *Rumor*

Branco, por um lado, e um outro de esvaziamento da influência de Vergílio Ferreira, por outro.

8.1. Ficou enunciado acima (ESQUEMA 2) um terceiro eixo semântico organizador do discurso — o incitamento a «mudar de loja» — associado a um acto ilocutório directivo não impositivo de *aviso/conselho* que apela à prudência do destinatário. A apreciação crítica, marcadamente negativa, da obra em questão não cancela/anula por inteiro o “talento” do autor, que o LOC se preocupa em salvaguardar, abrindo espaço para uma dimensão accional de elogio com que se compromete. A esta dimensão accional associa-se um momento de *concessão*, de aproximação amigável do LOC face a Almeida Faria, convocando a *doxa*: *Quem avisa amigo é*. Este movimento aproximativo surgirá em vários momentos do texto em que emergem tentativas de pacificação, estabelecendo concessões no tom polémico ou na mordacidade da crítica, num investimento claro numa relação amistosa. De entre esses momentos de pacificação merecem relevo particularmente dois.

Em III¹ vaza-se uma asserção valorativa positiva através da qual se encarece o “talento” de Almeida Faria que, pelo carácter de excepção, o destaca dos outros romancistas da sua geração.

III¹ O jovem Almeida Faria, com *Rumor Branco*, prova ser, de longe, o mais dotado de todos, revelando, aos 19 anos, um talento excepcional para a sua idade.⁴⁰

Note-se, contudo, que o LOC não assume o reconhecimento de um talento absoluto, mas circunscreve a amplitude do seu valor colocando-o em proporção com a idade de Almeida Faria, através do restritor «excepcional para a sua idade» (sublinhado meu).

Em VI¹ reitera-se a salvaguarda da qualidade do escritor pela expressão «talentoso detentor do Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores de 1962».

A valorização do talento do autor de *Rumor Branco*, objecto das desqualificações já explicitadas, abre uma complexa dimensão ilocutória que se funda num jogo de afastamentos e aproximações de que procurarei dar conta.

⁴⁰ FARIA, Almeida 1992: 120.

8.1.1. Neste sentido aparece orientado o segmento V² que passo a transcrever:

V² «Excluído o caso de Eugénio de Castro, o grande talento dos outros foi-se esgotar na oratória parlamentar: um solene aviso para Almeida Faria.»⁴¹

Numa escala de polemicidade, atrever-me-ia a reconhecer na advertência uma tonalidade agónica fraca, menos marcada. A *doxa* convocada pela referida advertência — *Quem avisa amigo é* — muito embora sirva para promover uma maior aproximação entre os interlocutores de determinado episódio comunicativo, funda a sua eficácia na avaliação claramente negativa daquilo que constitui o aviso. Insiste-se no carácter negativo daquilo que motiva o aviso pela forma premente como se adverte, procurando-se assegurar uma alteração de atitude/comportamento de modo a corrigi-lo; no caso presente, em evitar a «oratória parlamentar» enquanto discurso vazio, revelador do alheamento face aos problemas reais e ineficaz na sua resolução.

O aviso transcrito adverte para a possibilidade de se perder para a literatura — não em sentido lato, mas para a literatura preocupada com a realidade social — o talento revelado pelo jovem romancista.

Convém anotar um outro argumento legitimador deste acto de advertência: é tida como certa uma alteração de trajectória se, antes da advertência, se revela um fim indesejável ou negativo. Note-se que “esse fim indesejável” é perder para a literatura o talento de Almeida Faria — uma “ameaça” poderosa para um jovem cujo talento mal acaba de se revelar e para quem outros auguraram um futuro promissor.

Qualquer pessoa de bom senso evita um percurso que, à partida, sabe resultar em final danoso. Se, depois de avisado de uma consequência conotada negativamente, alguém persistir em aí continuar, será considerado insensato, alvo privilegiado de censura (“Depois não digas que não te avisei”).

8.1.2. Agregado ainda a esta dimensão de valorização do talento do autor surge XI que corresponde a um acto ilocutório de *elogio*:

⁴¹ FARIA, Almeida 1992: 121.

XI¹⁻² Que o talento de Almeida Faria não é, todavia, uma *blague*, prova-o o capítulo III, onde se caminha já num sentido positivo de clarificação do texto. Mas o capítulo V é, a meu ver, o melhor: residem mesmo nele as minhas esperanças quanto ao seu Autor.⁴²

Esta sequência textual apresenta uma estrutura argumentativa de *justificação/comprovação* do “talento”, assumido pelo LOC reiteradas vezes, que se demarca da orientação argumentativa definidora dos segmentos discursivos anteriores através do conector «todavia». Introduce-se, assim, o elogio do “talento” de Almeida Faria, enunciando-se de seguida os índices de qualidade do romance:

- «o capítulo III, onde se caminha já num sentido positivo de clarificação do texto»;
- «o capítulo V é, a meu ver, o melhor, (...)»;
- «pelos outros capítulos, há passagens de uma poesia neo-romântica de alto nível».

8.2. Tendo em conta que, na sequência textual em consideração (3), confluem os eixos semânticos estruturadores do TEXTO 0, tentaremos perceber a articulação existente entre o *elogio* correspondente ao segmento discursivo em análise e o macroacto de crítica/censura de *Rumor Branco* em que se enquadra.

8.2.1. Esta salvaguarda do talento de Almeida Faria reforça/enfatiza os prejuízos causados pelas obras de Vergílio Ferreira.

Se tivermos em conta a linha argumentativa enunciada em 1. (cf. ESQUEMA 2), claramente orientada para a avaliação negativa da influência de Vergílio Ferreira junto dos romancistas mais novos, pode entender-se aqui uma forma de reforçar a negatividade/malefícios dessa influência, com base no princípio: quanto maior é o valor, maior é o dano causado. Reitera-se a relação de *causalidade* estabelecida entre o romance de Almeida Faria e as obras de Vergílio Ferreira, numa tentativa de esvaziamento dessa influência.

Por esta via se encontra mais um factor de polemicidade, por se atingir directamente Vergílio Ferreira.

⁴² FARIA, Almeida 1992: 124.

8.2.2. Pode, por outro lado, traduzir o investimento numa relação amistosa a partir da qual o LOC procura aconselhar Almeida Faria na procura de outras tendências estéticas que não a do existencialismo. Há neste movimento aproximativo ressonâncias do acto de advertência/aviso ocorrido em V² («um solene aviso para Almeida Faria»). A convocação da *doxa* *Quem avisa amigo é*, reforçada pela anteposição do adjectivo «solene» a «aviso», assinala a premência/necessidade de agir no sentido de assegurar o futuro literário, o que ocorrerá apenas se o autor optar pelo neo-realismo, como implicitamente é sugerido.

8.3. Entender-se-á o último parágrafo como uma tentativa de o LOC fazer preencher o lugar deixado vazio pela influência de Vergílio Ferreira, alvo das desqualificações apontadas, explicitando o caminho que Almeida Faria deve tomar no futuro:

XIII¹⁻⁴ O inegável talento do jovem Almeida Faria merecia, porém, outra firma fornecedora. E está muito a tempo de mudar de loja. Oxalá assim aconteça: *amen*.⁴³

Se se articular a formulação deste *conselho/aviso* com a argumentação pelo *anti-modelo* facilmente se perceberá a que «outra firma fornecedora» se estará a aludir. Relembre-se, a propósito, o que ficou registado noutra local desta exposição: a crítica à opção pela ficção de cariz existencialista permite a explicitação dos seus aspectos negativos, ao mesmo tempo que, por implicação, se oferece como alternativa uma literatura atenta à realidade social, cuja expressão se denomina convencionalmente “neo-realismo”. Não é outra a orientação delineada em «mudar de loja», que retoma a comparação de Vergílio Ferreira com «o inquietante comerciante de livros, estabelecido de porta aberta na cidade portuguesa de Penalva» através da qual se desqualifica a pessoa do adversário.

Nesta tentativa de dissuasão, condensada na expressão «mudar de loja», captam-se ainda ressonâncias da ligação da juventude do autor, usada como argumento desfavorável, à dependência de um mestre/modelo que, neste contexto, se incita a substituir. Tal concorre claramente para o reforço do valor polémico do texto em estudo.

⁴³ FARIA, Almeida 1992: 125.

9. O formato da recepção do TEXTO 0 caracteriza-se por um complexo de vectores orientados em direcção a três destinatários, circunstância que arrasta uma série de consequências discursivas que procurei evidenciar nos números anteriores. Depois disso, torna-se evidente o desenho de um esquema interlocutivo múltiplo onde são visíveis destinatários diferentes. C. Kerbrat-Orecchioni notou já a possibilidade de ocorrência, em qualquer discurso, de um jogo de simulação em relação ao verdadeiro destinatário:

«(...) un allocataire peut en cacher un autre; celui qui en vertu des indices d'allocution fait en principe de destinataire direct, peut fort bien ne constituer en fait qu'un destinataire indirect (...), sous lequel se dissimule le véritable allocataire, qui a en apparence statut de destinataire indirect, mais dont on a de bonnes raisons de penser, en vertu de l'application de la maxime de la pertinence, que c'est à lui que le discours en réalité s'adresse.»⁴⁴

Tal ocorre também em «*Rumor Branco* de Almeida Faria», de Alexandre Pinheiro Torres. Se recordarmos os eixos semânticos que sustentam o texto analisado, facilmente veremos o modo como esse jogo se processa. Além do destinatário imediato da crítica literária que é o público/leitor do jornal em que o texto aparece, são ainda visíveis dois outros destinatários.

Almeida Faria surge, desde logo, convocado no título onde se refere explicitamente a obra literária de que é autor, erigida em objecto do discurso. Aparece igualmente convocado no discurso através da referência a um grupo qualificado como «romancistas metafísicos», comprometido na crítica.

Vergílio Ferreira é outro dos alvos atingidos; instituir-se-á interlocutor na polémica subsequente. Note-se, aliás, que a designação nominal de Vergílio Ferreira como alvo⁴⁵ de crítica/censura constitui também um

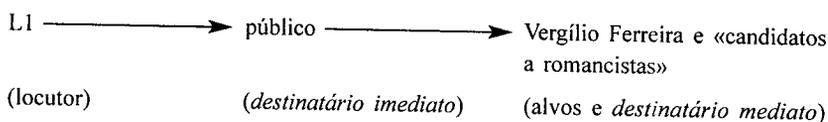
⁴⁴ KERBRAT-ORECCHIONI 1995: 4.

⁴⁵ Vejo vantagem em antecipar aqui a reacção de Vergílio Ferreira, na réplica a TEXTO 0, que aponta como despropositado o ataque de que é alvo explícito e o envolvimento das suas obras na crítica a *Rumor Branco*. «Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus.» é nitidamente a expressão de uma contra-expectativa ao denunciar essa referência como estando fora do elenco do discurso.

traço da orientação polémica que caracteriza o TEXTO 0, instigando-o de alguma forma a responder-lhe. Viu-se já, nos números anteriores, o modo como este escritor surge implicado como alvo na configuração deste discurso.

Convém referir que, em alguns momentos discursivos, se podem aglutinar estes destinatários num único grupo simplificadamente denotado por «romancistas existencialistas» que se opõe a um outro grupo, implicitamente convocado, que se poderá designar por “escritores neo-realistas”.

Poder-se-á representar o esquema interlocutivo triádico da forma que se segue ⁴⁶:



ESQUEMA 9

10. Este estudo dirige-se para o fecho. Antes, porém, não gostaria de deixar de referir um outro aspecto que contribui, a seu modo, para a atribuição de uma natureza fortemente agónica ao texto de abertura da polémica em torno de *Rumor Branco*.

Prende-se esse aspecto com o facto de o TEXTO 0 estar implicitamente dirigido contra um escrito anterior do seu principal alvo, Vergílio Ferreira. Apesar de não ser em momento algum explicitado, percebe-se na sua organização uma estrutura refutativa que tem como referência um outro que não pertence ao conjunto dos textos constitutivos da interacção polémica em estudo mas que é uma importante peça do *cotexto*: o prefácio que Vergílio Ferreira redigiu para a 1.ª edição de *Rumor Branco* ⁴⁷. Em vários segmentos textuais aparece, além da voz do LOC, uma outra voz, identificada com Vergílio Ferreira, que é convocada para ser refutada, concedendo ao texto de Alexandre Pinheiro Torres um estatuto particular de resposta ao referido prefácio.

⁴⁶ Esquema retirado, com as devidas adaptações, de MICHE 1995:243.

⁴⁷ Também este texto se encontra reeditado na 4.ª edição de *Rumor Branco*, de Almeida Faria, publicado pela Caminho.

O LOC recupera do texto de Vergílio Ferreira uma ideia central isotópica e integra-a no rumo discursivo do seu texto: a juventude de Almeida Faria. Embora nunca se verifique a ocorrência do substantivo, aparecem em sua substituição o adjetivo («jovem») e o advérbio («juvenilmente») retomado do texto-alvo quer explícita quer implicitamente pelas derivações sémicas que o lexema permite. Alexandre Pinheiro Torres retoma, então, esse lexema e redefine-o, orientando o seu discurso a partir de propriedades semânticas não convocadas no discurso anterior de Vergílio Ferreira. Ou seja, o mesmo lexema — juventude —, e todo o espectro sémico por ele activado, serve uma avaliação axiológica positiva como o elogio de um jovem romancista, no prefácio de *Rumor Branco*, e uma avaliação axiológica negativa como a censura/crítica da dependência de um modelo literário existencialista e as experimentações estilísticas/formais. É com base nesta divergência de opiniões face a um mesmo objecto de avaliação que o carácter refutativo do TEXTO 0 é considerado.

11. Ficam assim enunciados os traços mais salientes da configuração polémica do texto que Alexandre Pinheiro Torres redige como crítica literária de *Rumor Branco*, que levou ao desencadeamento da troca verbal polémica que se destacou em epígrafe. Ao longo da análise ficou delineado o modo como se desenvolvem os eixos semânticos patentes no ESQUEMA 2 e como as sequências textuais se orientam no sentido de levar o público leitor a uma desvalorização da obra em apreço.

Este discurso revela, como fica suficientemente mostrado, uma mal disfarçada combatividade contra o existencialismo e, mais especificamente, contra Vergílio Ferreira, alvo inegável da crítica de Alexandre Pinheiro Torres. Fica, pela instauração de duas facções antagónicas e pela delimitação do terreno, criado o cenário propício ao início de um combate que tem por armas o próprio discurso em que é travado.

Sónia Valente Rodrigues

BIBLIOGRAFIA

A

- FARIA, Almeida (1992), *Rumor Branco*, Lisboa, Edições Caminho, 4.^a edição.
- FERREIRA, Vergílio (1981), *Um escritor apresenta-se*, (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- FERREIRA, Vergílio (1994), *Conta-Corrente* — nova série IV, Lisboa, Bertrand Editora.
- FERREIRA, Vergílio, «A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres», *Jornal de Letras e Artes*, 6 de Fevereiro de 1963.
- «Palavras finais. Tréplica de Vergílio Ferreira», *Jornal de Letras e Artes*, 20 de Fevereiro de 1963.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, «Rumor Branco de Almeida Faria», *Jornal de Letras e Artes*, 30 de Janeiro de 1963.
- «Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio Ferreira. Na Tenda de Abra-cadabra», *Jornal de Letras e Artes*, 13 de Fevereiro de 1963.
- «Também as palavras finais (mas não epitáfio)», *Jornal de Letras e Artes*, 27 de Fevereiro de 1963.

B

- ADAM, Jean-Michel (1992), *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*, Éditions Nathan.
- ANGENOT, Marc (1982), *La parole pamphlétaire*, Paris, Payot.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude (1995), «La nature des topoï», ANSCOMBRE, J.-C. (org.), *Théorie des topoï*, Paris, Ed. Kimé, 49-84.
- DASCAL, Marcelo (1989), «Controversies as quasi-dialogues», *Dialoganalyse II*, Tübingen, Niemeyer Verlag, 147-159.
- DASCAL, Marcelo (1995), «Observations sur la dynamique des controverses», *Cahiers de Linguistique Française* 17, Genève, 99-121.
- DASCAL, Marcelo & CREMASCHI, Sergio (1999), «The Malthus-Ricardo correspondence: sequential structure, argumentative patterns, and rationality», *Journal of Pragmatics* 31, 1129-1172.
- DUCROT, Oswald (1972), *Dire et ne pas dire*, Paris, Hermann.
- EGGS, Ekkehard (1994), *Grammaire du discours argumentatif*, Paris, Ed. Kimé.
- FONSECA, Joaquim (1992), «Heterogeneidade na língua e no discurso», in FONSECA, J., *Linguística e Texto / Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, Icalp, 249-292.
- FONSECA, Joaquim (1993), «Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas», in FONSECA, J. — *Estudos de sintaxe — Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Porto Editora, 63-102.

- FONSECA, Joaquim (1994), *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora.
- FONSECA, Joaquim (1996), «O discurso de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo — O Diálogo I», *Revista da Faculdade de Letras do Porto Línguas e Literaturas XIII*, Porto, 87-145. Também em FONSECA, Joaquim (Org.) (1998), *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo I, Porto, Porto Editora.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine & PLANTIN, Christian (1995) (orgs.), *Le trilogue*, Lyon, CNRS — Université de Lyon.
- MATEUS, M.^a Helena Mira *et alii* (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- MICHE, E. (1995), «Les formes de diaphonie dans un débat parlementaire», *Cahiers de Linguistique Française* 16, 241-265.
- MOESCHLER, Jacques (1981), «Réfutation et argumentation dans le discours» in RICHTERICH, R.; WIDDOWSON, H. G. (eds.), *Description, présentation et enseignement des langues* (Actes du Colloque de Berne, 1980), Paris, Hatier — Credif, 120-135.
- MOESCHLER, Jacques (1982), *Dire et contredire — pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Berne, Peter Lang.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1983) — *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*, Bruxelles, Institut de Sociologie, 3.^a ed. (1.^a ed.: 1970).
- PLANTIN, Christian (1990), *Essais sur l'argumentation. Introduction à l'étude linguistique de la parole argumentative*, Paris, Ed. Kimé.
- PLANTIN, Christian (1996), *L'argumentation*, col. Mémo, Paris, Seuil.
- REYES, Graciela (1984), *Polifonia textual. La citación en el relato literario*, Madrid, Editorial Gredos.
- RODRIGUES, Sónia (1998), *Polémica em torno de "Rumor Branco" de Almeida Faria: discurso e contra-discurso*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva.
- ROULET, Eddy *et al.* (1985), *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang.
- ROULET, Eddy (1989), «Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse», *Cahiers de Praxématique* 13, 7-18.
- SARAIVA, A. J.; LOPES, O. (s/d), *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 16.^a edição.
- SPLINGER, Nina de (1980), «Première approche des marqueurs d'interactivité», *Cahiers de Linguistique Française* 1, 128-148.